Garrocheira

Clementino José Gonçalves Amaro; Fernanda Cristina Martins Gonçalves; Maria Isabel Garrido Prudêncio; Maria Isabel Marques Dias

Nombre canónico: Garrocheira

Otros nombres: Courela do marco

Área geográfica: Lusitania

Región productora: Vale do Tejo

Localización geográfica: Benavente, Alentejo, Portugal

Emplazamiento actual: Rural

Coordenadas geográficas: Latitud: 38.9905509 | Longitud: -8.781763

A - Descripción General

DOI: https://doi.org/10.51417/figlinae_033

O centro oleiro da Garrocheira situa-se na freguesia e concelho de Benavente, distrito de Santarém. Fica a cerca de 1km para sudoeste do lugar da Garrocheira, num local designado Courela do Marco. Atualmente fica na margem direita do rio Sorraia a cerca de 1.5km de distância. No período romano o rio tinha um braço de rio que passava junto à olaria e que os mais idosos trabalhadores ainda conhecem a atual vala por “rio Velho”. Ainda subsiste o topónimo, na várzea fronteira, de Farinhão (ilha fluvial).

A olaria foi posta à vista nos anos sessenta com a movimentação de terras para a construção do canal de rega de Salvaterra de Magos.

Visitámos o local em inícios dos anos oitenta do século passado e procedemos à primeira escavação arqueológica em 1987. Seguiram-se duas outras curtas campanhas em 2004 e 2010.

O centro de produção oleira da Garrocheira sugeria um período de laboração a partir de meados do século I até, pelo menos, finais do século II d.C. no fabrico da ânfora *Dressel 14* e loiça doméstica. No entanto as intervenções arqueológicas em curso (projecto de investigação 2015-2018) permitem, em 2017, confirmar a existência de uma segunda entulheira e onde se regista indícios da presença de um terceiro forno, confirmação esta a concretizar em 2018.

Este novo sector revela a presença de materiais mais tardios e mais diversificados – a ânfora *Dressel 14 tardia*, almofarizes, talhas de grandes dimensões, ladrilhos – o que permite propor a laboração do centro oleiro até primeira década ou primeiro quartel do século III.

A par da investigação no terreno, decorre no Campus Tecnológico e Nuclear do Instituto Superior Técnico (CTN/IST) a caracterização química das pastas cerâmicas aqui utilizadas, a

fim de certificar a sua origem em relação a outros locais de fabrico, a partir de um conjunto de amostras já próximo do número mínimo fiável e internacionalmente reconhecido.

Iremos igualmente ter a participação de uma doutoranda, bolseira da FCT, num projecto sobre o estudo das variações do campo geomagnético durante o período romano, e que irá proceder à recolha e análise de amostras dos fornos da Garrocheira, a realizar em Maio/Junho de 2018.

No mesmo período, irá decorrer um ensaio na Garrocheira com um drone, em fase de ensaios por uma instituição universitária, a fim realizar no local testes de deteção magnética de anomalias no terreno, no caso presente, da eventual existência de novos fornos e outras estruturas associadas à produção oleira.

Fig. 1 Forno dois com cobertura de proteção e o forno 1 na base do talude e polar de cobertura fronteiro ao forno 2.

Fig. 2 Forno 1, em primeiro plano, forno 2 e ao fundo, canto superior direito, a área da entulheira 2.

B - Características

Clase de yacimiento: Alfarería

Emplazamiento funcional en época clásica: Rural.

Tipos de espacios documentados: Canteras al aire libre, Edificios alfareros, Hornos, Piletas de decantación de arcilla, Testares.

Cronología:
Datación *post quem*: 50 | Datación *ante quem*: 210
Etiqueta textual: N/A - N/A

Espacios documentados

Barreiro
Tipo de espacio: Canteras al aire libre

De acordo com a recolha de amostras e estudo desenvolvidos por Maria Isabel Prudêncio e Maria Isabel Dias, do Campus Tecnológico e Nuclear/Instituto Superior Técnico, o barreiro foi identificado a cerca de 500 metros a poente do centro oleiro (local identificado como Furão).

Tanque de decantação
Tipo de espacio: Piletas de decantación de arcilla

Foi desmontado um tanque de decantação nos anos sessenta do século XX, e depositado no local, no momento em que foram retiradas terras por uma retroescavadora para a construção do “canal de rega de Salvaterra de Magos”, momento em que foi identificado o arqueossítio.

Edifício da olaria
Tipo de espacio: Edificios alfareros

No topo superior do talude, a uma cota média de 8.00 metros, (coincidente com o traçado de um antigo caminho vicinal, entretanto desviado) foi identificado um troço de muro de delimitação do presumível pátio de trabalho da olaria. Esta estrutura encontra-se ao nível apenas do alicerce. Possui uma porta que daria acesso à mata da Garrocheira, cobertura vegetal que existiu até meados do século XIX. Registou-se um conjunto de tijoleiras no seu interior, mas maioritariamente desviadas do seu posicionamento inicial.

Fornos

Tipo de espacio: Hornos

O Forno 1 foi cortado sensivelmente a meio no momento em que foram retiradas terras do talude nos anos sessenta do século XX. Trata-se de um forno de planta circular, com cinco suspensuras paralelas com corredor central. Tem um diâmetro externo de 3.20 metros.

Apresenta vestígios do corredor de acesso à câmara de combustão com cerca de 1.00 metro de comprimento e direcionada a sudoeste. A câmara de combustão encontra-se lajeada desde a parede lateral até à base do arranque das suspensoras. O forno é edificado em tijolos e as suspensuras em tijoleiras. A altura preservada do forno é de cerca 1.50m.

O **forno 2** foi localizado em 1987 na sequência da primeira escavação arqueológica do centro oleiro. Localiza-se imediatamente a sueste do forno 1. Forno de planta circular, com duas suspensuras paralelas com corredor central. O fundo da câmara de combustão apresenta-se ligeiramente concava e foi aberto no manto de cascalho presente no local, sendo o fundo constituído por seixos rolados. O forno apresenta uma estrutura de suporte de presumível telheiro de proteção ao acesso à câmara de combustão. Registou-se vestígios do prefurnium aberto no solo de base.

Foram identificados dois pilares de apoio de presumível cobertura, fronteira ao forno 2, embora não relacionados entre si. Um dos pilares localiza-se a cerca 1,50m do prefurnium e o segundo a cerca de 3.50m.

Fig. 3 Prefurnium do forno 2, aberto no solo de base, com marcas de combustão.

Entulheiras

Tipo de espacio: Testares

A campanha de escavação arqueológica de 2017 veio revelar e confirmar a existência de duas áreas de entulheira separadas por um “corredor” constituído pela cascalheira local.

Entulheira 1 – Desenvolve-se imediatamente a sudeste do forno 2. Esta caracteriza-se pela dominante presença de fragmentos da ânfora Dressel 14. Destaca-se ainda a exumação de fragmentos de loiça de caráter essencialmente doméstico, correspondendo quase exclusivamente a peças de pequena dimensão.

De destacar a localização de um conjunto de bocas de ânfora sugerindo um alinhamento de

uma estrutura algo complexa. Poderá tratar-se de sistema de drenagem, embora a sua função não seja clara, faltando ainda conhecer o seu eventual desenvolvimento para nascente.

Fig. 4 Entulheira 1- alinhamento de bocas de ânfora Dressel 14

Entulheira 2 – A segunda entulheira fica mais afastada dos dois fornos, a sul/sudoeste. Encontra-se em fase de escavação, com início na campanha de 2016. Na intervenção de 2017 deu-se início à escavação de um amontoado de tijolos típicos de forno, derrube formando um tosco semicírculo e vestígios do que terá sido um corredor de acesso aberto no solo de base. Poderemos estar perante a presença de um terceiro forno, realidade a confirmar no decurso da intervenção arqueológica prevista para 2018.

A entulheira mantem a presença da ânfora Dressel 14. No entanto registam-se algumas características que sugerem tratar-se de uma entulheira com uma produção eventualmente mais tardia, já que aqui começam a surgir maior número de fragmentos anfóricos associáveis à ânfora Dressel14 tardia. Para além deste facto, só esta entulheira apresenta fragmentos de almofariz, bem como fragmentos relacionáveis com grandes contentores e exemplares de ladrilhos.

Fig. 5 Entulheira 1 à direita do forno 2 e em primeiro plano a entulheira 2.

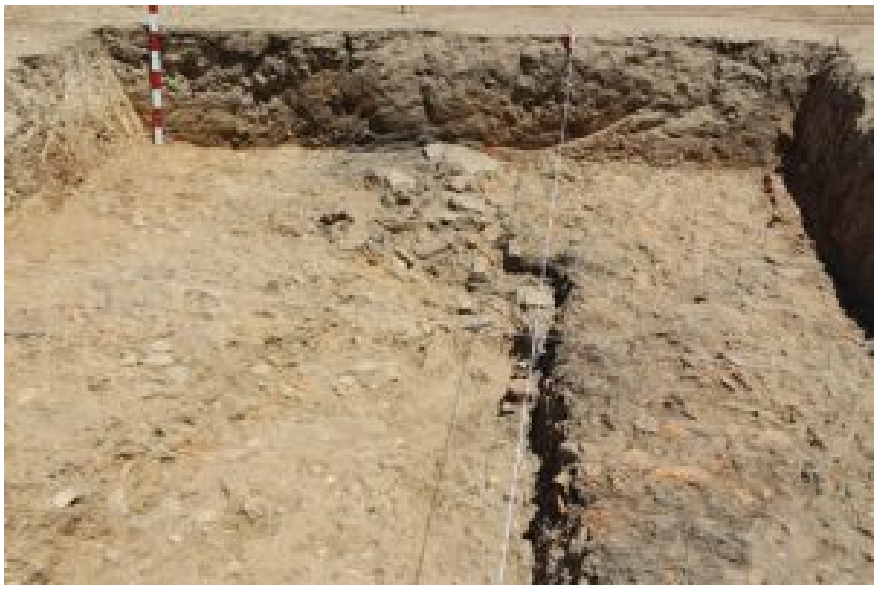

Fig. 6 Entulheira 2 com vestígios do presumível forno 3, junto ao perfil.

Fases de actividad

Fase de actividade

O estudo das fases de actividade de laboração da olaria encontra-se, neste momento, em preparação, já que estamos a proceder ao tratamento do vasto espólio exumado, a organizá-lo por entulheiras e dentro destas, por contextos.

O Projecto de Investigação Plurianual de Arqueologia (PIPA) foi aprovado e iniciado em 2015 e tem o seu fim em 2018.

Numa primeira avaliação e pela tipologia e presença de lábios em fita da ânfora Dressel 14, apontamos para o início da produção, meados do século I d.C.

O centro oleiro terá produzido em pleno e de forma mais intensa no século II, com destaque para o tipo de lábios perolados e de perfil triangular, associados a formas cerâmicas de loiça doméstica, integráveis nas produções do século II e com paralelos registados em contextos arqueológicos datados deste período.

C - Intervenciones

D - Producciones

Ánforas

Dressel 14

Esta produção segue os parâmetros tipológicos das suas congéneres.

No entanto apresentam uma característica que formalmente a pode distinguir. Trata-se da altura do colo que, sugere, ser ligeiramente mais alto em relação a outras produções, como o caso do Porto dos Cacos. Tem cerca de 0.20/0.22 m altura.

Atendendo ao largo conjunto de bocas de ânfora exumadas, entretanto (cerca de duas dezenas e meia) iremos proceder à confirmação desta característica em relação às produções dos vales do Tejo e Sado.

A segunda ânfora exumada corresponde à **Dressel 14 tardia**, representa por bocas, asas e bicos fundeiros.

Numa proporção modesta em relação ao número de bicos fundeiros exumados, existe um conjunto pouco diversificado de grafitos, com algum destaque para o carater H.

Está em fase de confirmação, atendendo aos escassos exemplares até ao momento exumados, a produção dos tipos de ânfora **Almagro 51c** e a afim da **Dressel 30/Lusitana 3** e que corresponderá à fase final de laboração do centro oleiro.

Datos cuantificados

Epigrafía

Otras producciones

Cerámica común

Os materiais que se destacam na produção local, corresponde a loiça doméstica, com destaque para panelas, potes, tigelas; contentores, alguns de grande dimensão, almofarizes, e ladrilhos.

E - Bibliografía

AMARO, C. (1990) Olaria Romana da Garrocheira, Benavente. En A. Alarcão e F. Mayet (eds.), *Ânforas Lusitanas. Tipologia, produção, comércio. Actas das Jornadas de estudo (Coimbra / Paris 1990),* 71-85.

AMARO, C. GONÇALVES, C. (2016) The Roman amphorae kilns at Garrocheira, Benavente: the production in the Early Empire. En I. V. Pinto, R. R. de Almeida e A. Martin (eds.), *Lusitanian Amphorae: Production and Distribution, Roman and Late Antique Mediterranean Pottery 10,* Oxford, 47-58.